

VIEIRA, Arménio. *MITOgrafias*. Lisboa: Vega, 2011. 116p.

O cabo-verdiano Arménio Vieira, vencedor do Prémio Camões em 2009, tem atualmente publicados três volumes de poesia lírica, embora no mercado editorial português estejam apenas disponíveis *O Poema, a Viagem, o Sonho* (2009) e *MITOgrafias*, um livro que surge em 2011 depois da edição de 2006 em Cabo Verde (o outro volume é *Poemas*, que reúne toda a sua produção poética de 1971 a 1979). Estas duas publicações, decorrentes do interesse despertado pela atribuição do referido prémio, vêm colocar ao alcance do público em geral parte da poesia de uma das vozes mais expressivas da geração de 60 de Cabo Verde, com uma visão muito própria e original do mundo e da poesia.

Com uma estrutura tripartida, o livro apresenta-se como um conjunto coeso e uno, apesar da multiplicidade de temas e das referências convocadas, pelo tom de irreverência e ironia (“Eu... sou/como sou. Tenham paciência” (p.46), afirma a propósito de religião e pensamentos alheios sobre a sua própria visão) e cariz universalista, numa linguagem modernista que revê, modifica e propõe uma nova leitura do passado e do presente.

As artes em geral e aliteratura em particular e com grande destaque, a morte, o amor, o sonho, a poesia, a religião e os mitos são os temas e assuntos(mito) que se estruturam dentro destas escritas (grafia) apresentadas ao eu, e que o eu nos apresenta, como linhas de interesse, de procura e de trabalho enquanto matéria literária, apresentando-se, desta forma, o sujeito de enunciação como um mitógrafo, embora lírico e não propriamente científico. Assim se explica, parcialmente, a vertente intertextual que perpassa todo o livro, uma vez que o sujeito poético encontra, noutros autores, modelos, soluções e questões que lhe servem para as indagações estéticas da sua própria criação artística, afastada da poesia mais regionalista e marcada por condicionantes geográficas e nacionalistas.

A primeira parte, “Canto das Graças”, constitui-se como um conjunto de louvores em forma de agradecimento pela existência de determinadas obras, como o encantamento das *Mil e Uma Noitese* dos escritos de Lewis Carroll, variados escritores nomeados diretamente: os

visionários Spinoza e Mallarmé, os renovadores Rimbaud, Verlaine e Baudelaire, o “primogénito de todos os poetas/ que vieram antes e depois” (p. 16) Fernando Pessoa com quem o sujeito poético forma “um novelo, só um,/sem fio na ponta” (p. 16), os sonoros Rihaku e Pound, e, por fim, celebra a própria Natureza, identificada nas flores que surgem no último poema-agradecimento. A título de exemplo, veja-se o poema de elogio a Luís Vaz de Camões, onde se destaca, por um lado, o homem extraordinário num mundo que não o soube receber: “Graças dou por Luís Vaz,/Ele-mesmo, varão audaz,/como Ulisses, nadatório,/ululado põe ciclópicos/bêbedos canibais” (p.14) e, por outro, a eterna obra épica, renovadora ela própria de um Portugal em decadência: “Luís Vez, pegando nele [Viriato], criou o poema/e a pátria que deveras conta” (p. 14). A conferir uma unidade particular a este conjunto está a repetição, no primeiro verso de cada um dos sete poemas, da fórmula “Graças dou por” a que se segue a designação do elogiado. Estes poemas sobre tantos autores, que parecem ser referências maiores na constituição da voz poética do eu de enunciação, são dedicados a Jorge Luís Borges, outro escritor fundamental de quem o sujeito poético terá herdado “o mote” (p. 11), sugerindo que nada de novo tem para dizer ao escritor argentino com estes seus poemas: “se é que ainda pode ler quem já tudo leu” (p. 11).

Segue-se o conjunto intitulado “Dez poemas mais um”, dedicado ao poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto, repetindo a fórmula “Não há guarda-chuva, João,” como *incipit* de cada um dos dez poemas (com uma deslocação para o segundo verso no último deles), terminando com um outro poema onde não se interpela João Cabral de Melo Neto, mas onde se discorre sobre ele. Nestes poemas, o eu de enunciação recupera alguns dos elementos essenciais da obra do autor de *Morte e Vida Severina*, como a pedra, a relação sorte/azar, tempo, morte, amor, sonho, numa linguagem axiomática e declarativa que corrobora o carácter reflexivo do discurso, que aborda ainda a criação da poesia, numa relação entre o mundo e o eu, o todo e o fragmento: “Razão por que, fingindo,/ele inventa pedaços/de um canto/que ouviu por inteiro” (p.28).

Na terceira parte, mais extensa e com o título homónimo do livro, ou seja, “Mitografias”, encontram-se poemas mais diferenciados linguística e versificatoriamente, ligados pela criação verbal alicerçada nos símbolos, nos motivos, nas crenças, nas explicações do mundo que o sujeito poético escolhe para explorar esteticamente. Desde conselhos sobre a criação artística, como “Com pauzinhos de fósforo/podes construir um poema” (p. 32), à reflexão existencial em que vida, Deus e morte são combinados com elementos simbólicos como o Inferno, o silêncio, numa atitude provocadora e irreverente por vezes, assertiva em outras situações, há ainda lugar para o amor e as mulheres que “Foram tantas, já não sei quantas!” (p. 39) e para os poemas que estabelecem relações diretas com escritores e obras, com atitudes diversas: rejeita um verso de Carlos Drummond de Andrade, ridiculariza as epopeias de Virgílio, de Tasso e Camões, mostrando-as obsoletas na contemporaneidade, uma vez que “Deixemo-nos de tretas! Nós, a mor/das vezes, somos tigres a fazer figura/de urso” (p. 43), reformula trechos bíblicos, cria uma *hai-kai* a partir do célebre verso “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce” de *Mensagem* de Fernando Pessoa, apresentando-o como “O homem sonha, mas Deus não quer” (p. 67), convoca uma série de escritores para os títulos dos poemas, desde Quevedo, Góngora, Apollinaire, Baudelaire, Rimbaud, Lautréamont, Maiakovsky, Pablo Neruda, Garcia Lorca, Santo Agostinho, entre outros, referindo ainda, quer nos versos, quer nas notas de rodapé que os acompanham, Homero, Aristóteles, Platão, Pitágoras, Epicuro, Catulo, Dante, Petrarca, Shakespeare, Sade, Masoch, Georges Sand, Balzac, Shopenhauer, Nietzsche, Jorge Luís Borges, entre outros, que vão surgindo como criadores fundamentais do universo literário e vivencial do sujeito

poético, umas vezes reescritos, outras vezes incorporados e aceites.

A relação passado/presente é determinante na obra, sendo observada criticamente em paralelos dicotómicos, abrangendo vários temas e propostas: a relação com o mundo presente na figura de Ulisses e a religião opressiva de cariz judaico-cristão presente na ação semelhante de Deus e de uma série de ditadores cruéis, desde imperadores romanos a chefes de estado do século XX – “Mais obscuros que a Esfinge/são os flagelos de Deus” (p. 45) lê-se no poema “Homens Terríveis”, a analogia Sócrates/Cristo, as relações anjo/homens/diabo, a revisão de passagens da *Bíblia*, referência a momentos históricos em que o sujeito não se sente implicado como interveniente, mas sempre como vítima, ou ainda o recurso aos mitos clássicos, com destaque para a figura de Ulisses, mas também Penélope, Édipo, Tântalo e as Musas, revistos, dessacralizados, modernizados.

Livro feito de poemas extraordinários, construídos a partir de um universo múltiplo de referências afetivas, com uma linguagem metafórica, metafísica, metapoética, irónica, satírica e intensa, convoca o leitor para um universo incómodo, em que se pode perder o equilíbrio e o ponto de segurança, já que, para além de uma erudição artística fora do comum, tudo é pautado por uma extrema liberdade e um rumo que só à voz de enunciação cabe escolher, com a atitude que lhe é típica: “Assim, embarco e digo,/sem que eu saiba/em que ponto no rio ou mar/ bifurcar a prosa e, nítido/se vê o poema” (p. 52).

TIAGO AIRES

Colégio D. Diogo de Sousa – Braga

Aprovado: 04 de setembro de 2011

Recebido: 10 de outubro de 2011

Parceiros:

